

Arte na escola: muitos equívocos, poucos acertos¹

Resumo

Nesta entrevista, concedida em Porto Alegre, no seu espaço de trabalho, Mário de Ballentti, bonequeiro e um dos maiores atores do teatro gaúcho hoje, mostra-se também um artista preocupado com a maneira como a arte vem sendo tratada na escola. Nas sua visão, sobram teorias e conhecimentos, mas faltam sensibilidade e emoção aos educadores e ao sistema educacional vigente.

Palavras-chave: arte-educação, escola e professores, autoconhecimento.

Cilene Maria Potrich - Como a arte na escola pode ajudar na formação de cidadãos mais sensíveis e também conscientes dos seus problemas existenciais e sociais?

Mário de Ballentti - Como artista, acredito ser fundamental a escola oferecer à criança possibilidades para que ela expresse os seus sentimentos. É necessário que lhe sejam proporcionadas atividades que desafiem seu potencial, disponibilizando-lhe materiais e espaços adequados a cada situação, seja na música, na dança, no teatro ou nas artes plásticas. Os professores devem ter claro, em linhas gerais, o que fazer, mas o “como” deve ser uma escolha da criança, porque toda vez que o professor invalida a expressão do aluno em detrimento de uma só idéia, e muitas vezes estereotipada, como se essa fosse a “melhor maneira”, a “mais

¹ Entrevista concedida a Cilene Maria Potrich, mestre em Educação pela PUCRS, em abril de 2003.

correta” de “como” e “o que fazer”, ele está deixando de provocar no aluno a própria capacidade criativa. Alunos precisam de desafios, não de soluções “pré-prontas”.

Cilene Maria Potrich - Qual a tua visão a respeito de como a arte está sendo trabalhada na escola hoje?

De Ballentti - Não devemos esquecer de que a arte na escola é também um veículo para expressar os sentimentos dos alunos. Infelizmente, é comum utilizar a já reduzida carga horária da disciplina de educação artística no cumprimento de programas curriculares pragmáticos centrados no utilitarismo, os quais, conseqüentemente, bloqueiam a expressão artística dos alunos. Os professores deveriam estar mais preparados para “quebrar” com esses programas que só reproduzem, não mudam, não transformam... A sociedade também está impregnada de programas que só “reproduzem”; então, é preciso “romper” com esse condicionamento cotidiano. Trazemos da infância uma bagagem com uma série de “programas” comportamentais que serão repetidos indefinidamente pelo resto da vida. Os professores, em geral, são responsáveis pela manutenção de alguns desses comportamentos estereotipados, pois, ao invés de libertarem os alunos, muitas vezes acabam por reforçar no ambiente escolar posturas e atitudes equivocadas. Especialmente na disciplina de educação artística, há exemplos muito claros: são os tais “trabalhinhos manuais” que as crianças fazem para presen-

tear a mãe e o pai nas datas em que o comércio instituiu como o dia deles. Isso é uma hipocrisia, porque a criança pode estar vivendo, por exemplo, uma situação de grande conflito com seu pai ou sua mãe e tem de, mesmo assim, “falsamente” fazer de conta que isso não existe e confeccionar um “presentinho” acompanhado de cartão dizendo que “ama profundamente” o pai ou a mãe.

Cilene Maria Potrich - Mas então, no teu entendimento, qual seria a verdadeira função da arte na escola?

De Ballentti - Deveria trabalhar principalmente com os sentimentos e as emoções dos alunos, mas nem a escola, nem os professores se sentem seguros para trabalhar com a “vida real” das crianças e dos adolescentes. Tudo-é-um-faz-de-conta-de-que-está-tudo-bem. Nenhum professor ousa questionar, às vésperas do Dia das Mães, como está a relação dos alunos com suas mães. Então, em cima de uma data comercial pode acontecer de o aluno acabar “festejando” e “fingindo” que ama muito sua mãe, quando, na verdade, o que ele precisaria era de uma oportunidade para expressar seus sentimentos de maneira autêntica. Assim, a situação se torna uma mera reprodução da falsidade, não a expressão verdadeira do sentimento porque, se o filho gosta da mãe, terá o impulso emocional natural e necessário para preparar, ele mesmo, de acordo com o seu critério, a representação do afeto que sente por ela. Não deveria ser o mercado o direcionador

de datas e modelos. Acredito que a escola tem colaborado em certas ocasiões de datas cíclicas e festivas para a manutenção de “programas” em que se reproduzem a hipocrisia e a falsidade dos sentimentos. Enfim, o que acontece na escola é que aprendemos a mentir sobre os nossos sentimentos, a “educar” (domesticar) nossa espontaneidade, reduzindo, assim, a capacidade criativa dos alunos a um mínimo possível para sobreviver.

Cilene Maria Potrich - Mas quer dizer que você defende que a arte na escola pode ter também uma função, por assim dizer, terapêutica?

De Ballenti - Sim. Hoje, por exemplo, fala-se muito na violência, mas não se conseguiu ainda determinar com precisão as suas causas. É necessário dar vazão a alguns impulsos violentos que às vezes as crianças têm, não anestesiá-los. A violência pode ser trabalhada na escola de forma fantasiosa, mas nunca abafada. Muitas vezes os alunos precisariam botar a sua raiva “para fora”. É preciso contatar e dar um curso “saúdável” para essa raiva, não fazer de conta que ela não existe. Seria ótimo que nas escolas tivéssemos a “sala do grito”, onde os alunos pudessem gritar, chutar bonecos e dizer o que muitas vezes ficou trancado e que depois vai aparecer em atitudes agressivas em sala de aula e, principalmente, no recreio. É uma condição básica do ser humano a de expressar sentimentos, mas aprendemos tanto na família quanto na escola exatamente o contrário.

Cilene Maria Potrich - Você falou na importância do ato de gritar. Observo que, geralmente, quando as crianças assistem a espetáculos de teatro, elas criam um clima de euforia, inclusive com gritos... Qual a sua visão a respeito disso?

De Ballenti - Para os alunos é sempre uma boa notícia toda vez que uma escola é convidada a assistir a um espetáculo de teatro. No dia que antecede a apresentação as crianças já estão totalmente “mobilizadas”, excitadas pela possibilidade de poder fugir desse quartel no qual a escola geralmente se constitui. Mas as professoras vivem um processo inverso uma vez que entram em pânico por ter que levar as crianças ao teatro. Elas vêem acidentes em todo o trajeto... Então, para as crianças é uma felicidade, uma festa, enquanto que para as professoras é motivo de transtornos e estresse. Mas por que as professoras, assim como as crianças, também não estão eufóricas? Eu acredito que “baixa” nelas um “programa militar” de autoridade... Não conseguem se divertir com as crianças, não aproveitam a viagem, e, quando chegam ao teatro, “fecham a cara”, não param de fazer “pssiu!!!” o tempo todo, em pé, paradas, olhando para as crianças e querendo pará-las, imobilizá-las nas cadeiras. Sim, as crianças gritam durante a peça. E daí? Elas não estão vivas? Acredito que o contrário é que seria preocupante... Se as crianças não se expressam com euforia e até gritando numa peça de

teatro, isso pode significar que elas já estão “domesticadas”. As professoras tentam reproduzir na sala de teatro a mesma situação de inércia e imobilidade da sala de aula.

Cilene Maria Potrich - A arte na escola deveria estar, então, dentro de uma de suas funções essenciais: trabalhar com a verdade...???

De Ballentti - Percebe-se que na cultura humana existem situações que são verdadeiras e outras totalmente hipócritas. Isso se reflete e se reproduz muito na escola. A questão da validação da expressão artística é justamente em cima dessa resposta a um estímulo, pois, se estou mal, deprimido, não posso fingir que estou alegre ou feliz. Se estou triste, eu estou triste e a minha expressão artística na sala de aula vai ser a reprodução da minha tristeza, da minha frustração. É principalmente através de atividades artísticas que a criança vai elaborar o que está sentindo ou o porquê está se sentindo assim. Então, não é copiando o modelo estereotipado do “trabalhinho” que a criança vai compreender e repensar a sua condição, muito menos vai crescer como pessoa e transformar a sua realidade.

Cilene Maria Potrich - Que perfil, na tua opinião, deveria ter o profissional/professor que se propõe a trabalhar com a arte na escola?

De Ballentti - Além de muita sensibilidade e bom senso, o professor deve também dominar conhecimentos técnicos e estéticos em arte, que lhe per-

mitam acompanhar seus alunos na execução dos trabalhos artísticos. Ou seja, motivando o aluno a perceber que o seu trabalho pode ficar mais completo, “mais bem acabado” e também ajudando no uso dos suportes e materiais envolvidos no processo para que as aulas de educação artística não se transformem num simples *laissez faire*, que seria também tão nocivo quanto interferir demais. O professor precisa desafiar o aluno a trilhar caminhos que ele ainda não conhece.

Se há uma porta fechada, incentivá-lo a que ele vá até lá e veja, ele mesmo, o que há atrás daquela porta, sem dar a resposta “de cara”.

Cilene Maria Potrich - Você acha que “o que vem de casa” é muito determinante no comportamento que o aluno apresenta na escola? E de que maneira o trabalho com a arte pode ressignificar e ajudar os alunos a se tornarem indivíduos mais saudáveis emocional e socialmente?

De Ballentti - Acredito que aprendemos por repetição. O que fazemos hoje é o que aprendemos na convivência com os adultos da nossa infância. Os primeiros anos de vida, convivendo com a família, ficam registrados de tal forma que depois vamos nos comportando de acordo com esses referenciais pela vida a fora. Os programas entram em nós “goela abaixo”, algumas vezes de forma sutil e outras de forma muito dolorosa. Uma coisa é uma criança chegar numa tomada de luz e tu, como adulto e com a tua força de adulto, com teu volume de voz de adulto, pu-

lar em cima dela e dar dois tapas na mão e gritar pra ela não botar a mão na tomada. Outra, é ter sensibilidade, amor e paciência para explicar à criança, de forma que ela compreenda, que não deve colocar os dedos na tomada porque é perigoso, sem deixar de validar a curiosidade dela. Aí está a diferença, que vai se refletir no futuro. Na primeira situação, provavelmente teremos um adulto com tal pavor de eletricidade que não irá conseguir nem trocar uma lâmpada do abajur. Na segunda situação, provavelmente, teremos um adulto mais seguro e com menos limitações nessa área, podendo tornar-se até, quem sabe, um iluminador de teatro, um cientista, um engenheiro eletrônico.

Cilene Maria Potrich - Sabemos que você realiza um trabalho numa ONG em um bairro periférico de Porto Alegre com adolescentes cuja realidade, via de regra, é violenta e envolta de aspectos agressivos, mas que apesar disso esses jovens se mostram muito criativos. Será que a arte na escola não poderia vir a ser um veículo de “inclusão” dos denominados “alunos transgressores” ou “alunos problemas”, que, em geral, mostram-se detentores de grande potencial criativo?

De Ballentti - Muitas vezes, o que acontece quando um professor se depara com um aluno que propõe uma situação conflituosa em que ele, professor, se sente inseguro sem saber o que fazer, termina encaminhando o aluno para a coordenação ou para a direção da escola. Esse aluno que apresenta

uma situação em que o professor não sabe como agir poderia tornar-se, na verdade, um motivo de transformação e desafio para ele, não de pavor. Se o aluno está me apresentando uma situação com a qual eu ainda não sei lidar, tenho que ter a humildade de reconhecer que preciso me reciclar e reaprender os conceitos que tenho sobre a vida, e que essa circunstância pode ser fruto até de uma falha minha. Diretoras de escolas às vezes nos dizem: “Vocês estão trabalhando com esses marginais?” Na Lomba eu só tenho alunos rejeitados pelas escolas de ensino formal. Eu não entendo por que eles, na oficina de teatro, são dóceis e responsáveis. Em geral, toda vez que um aluno desses desestrutura o professor dizendo palavras de provocação, palavrões, ou fazendo coisas que atingem o moral do professor e que o deixam desestruturado, é porque o aluno está expondo um lado vulnerável “mal resolvido” do professor para toda a turma. Eu acho que o docente precisa começar a assumir que ele está fracassando ao invés de criar falsas máscaras atrás das quais “ele” sempre tem toda razão. Isso é mentira, não é humano.

Cilene Maria Potrich - Quer dizer que de certa forma, por vezes, em algumas situações do processo educacional os professores se perdem num jogo de espelhos em que não conseguem refletir e/ou descobrir sua verdadeira imagem ou a de seus alunos?

De Ballentti - Ele, o aluno, pode estar apresentando ou revelando ao professor um conteúdo emocional interno

que não está conseguindo elaborar ou resolver sozinho. O professor tem que estar muito atento ao aluno que propõe um desafio pra ele. E esse desafio tem que ser encarado muito a sério, às vezes até como um questionamento da sua própria vida, porque, quando o aluno apresenta uma situação que deixa o professor inseguro, na verdade o que está acontecendo é que aquela falsa segurança do professor “vem a baixo”. O aluno nas suas atitudes em sala de aula, muitas vezes, revela coisas que podem ser conteúdos mal elaborados do seu passado mais ou menos recente. Muitas vezes o professor então se “identifica”, ainda que inconscientemente, com a situação do aluno e apresenta um comportamento áspero e pouco tolerante.

Cilene Maria Potrich - Uma vez que são raras as escolas que oferecem espaço para o ensino da dança, constata-se que essa lacuna vem sendo, de certa forma, preenchida pelas chamadas “academias”. Qual a tua percepção a respeito do trabalho de dança que é desenvolvido nesses espaços?

De Ballentti - A maioria das academias de dança também estão equivocadas no processo do ensino e da vivência dessa arte para as crianças. Se as experiências que as academias de dança proporcionam para as crianças fossem realmente a expressão artística do corpo junto com o estímulo da música, e se isso ainda fosse feito com muito prazer por essas crianças, nós teríamos aqui no Brasil não só o maior corpo de baile, mas também a maior platéia do

mundo. O que vemos na realidade é o contrário: o sucesso de público desses espetáculos de final de ano de algumas academias está diretamente relacionado ao fracasso de público que se percebe hoje nos espetáculos profissionais de dança contemporânea. O que vemos nas academias geralmente são crianças e adolescentes condicionados a reproduzir movimentos e a contar passos, sem sentir verdadeiramente a música que ouvem e a dança que expressam. Ficam tensas, nervosas e ansiosas nas apresentações.

Cilene Maria Potrich - É histórica a falta de tempo dos pais para contatos mais “estreitos” com seus filhos... Como artista, como você analisa essa situação no nosso cotidiano atual?

De Ballentti - A classe média está tão obcecada com a formação dos filhos que não percebe que o mais importante é estar com eles dentro de casa, brincando, ouvindo ou cantando uma música, contando uma história, vendo um filme juntinho, brincando com o cachorro, plantando e cuidando de uma flor, enfim... É ter tempo para o contato com os filhos, aquela coisa do “olho no olho”, do toque, do abraço, do colo, do dormir no colo, de curtir as coisas junto. Mas não... Enchem os filhos de atividades externas à casa e longe deles. A menina? Vai para o balé. O menino? Vai para o judô... A família tem dificuldade, por exemplo, em admitir que ocorra o inverso, ou seja, que o menino vá para o balé e a menina para o judô. E o tempo para ter, manter e fazer contato com os filhos?

Não existe. Os pais tentam compensar a falta de atenção e afetividade colocando os filhos nos mais diversos tipos de “escolinhas” com propostas nem sempre condizentes com as necessidades da criança. E, mesmo que os pais não se dêem conta disso, muitas vezes seus filhos são tratados como se fossem um “saco vazio” a ser “enchido” por todo tipo de informação e/ou pretensão conhecimento. Novamente, então, os pais erram quando dizem: “Vai meu filho, vai pro inglês! Brincar você brinca depois... É para o teu bem, para que no futuro você possa fazer um estágio no exterior e na volta ter um bom emprego aqui.” Os pais erram ao se afastarem dos filhos quando pequenos, porque esse é o período de tocar, conversar e encher a criança de afetividade. Nada substitui o vínculo afetivo da criança com as figuras materna e paterna. Não há campeonato de judô no exterior, nem balé na Rússia que substitua esse contato. E essas crianças, mesmo já quando adultas, vão passar a vida inteira atrás desse contato.

Cilene Maria Potrich - E você agiria como, então?

De Ballentti - Se eu tivesse filhos de zero a sete anos, eu os manteria longe das escolinhas, do balé, do judô, do inglês e das professoras... Mas tem aquela história: “Ah! Mas vai ser alfabetizado muito tarde”... Tem tempo pra tudo. Eu faria tudo para ter mais tempo para brincar com o filho em casa. Também dar tempo a ele de ficar

sozinho. Quando as crianças estão sozinhas falam consigo mesmas, ou com amigos imaginários... É assim que ela aprende a ter contato consigo mesma, com seu espaço interior, que não se torne uma pessoa neurótica que tem que estar sempre em grupo porque senão entra em pânico.

Cilene Maria Potrich - E com relação aos cursos de formação de professores para a área de artes nas universidades, qual tua opinião em relação a isso?

De Ballentti - Sinceramente, eu não sei o que dizer sobre isso... Quando estive na França, observei que as professoras que levavam as crianças para os nossos espetáculos de bonecos eram umas “sargentonas”. A maneira como elas tratavam as crianças era muito hostil... Não podiam sair da fila, não podiam falar, não podiam isso, não podiam aquilo, eram completamente neuróticas... E olha que a França é tida como uma referência pra nós em educação... Eu acredito que o que falta é contatar com as próprias emoções. Tudo está muito no nível da razão, não do coração. Ah! Eu sei de tudo, vi tudo, li tudo!... E sente o quê? Muitos profissionais da educação até certo ponto compreendem os conteúdos teóricos de uma forma mais racional. Sabem citar, por exemplo, várias teorias e autores, mas por vezes o seu discurso fica esvaziado porque o nível racional predomina e não houve uma internalização daquilo por parte deles. É preciso sentir e identificar internamente o

conteúdo, porque alguma coisa só tem sentido para nós a partir do momento que realmente passa a fazer parte do nosso referencial interno. Por vezes o educador faz apenas o papel de um bom palestrante em sala de aula já que a prática na vida real dele não está sintonizada com o seu discurso. O que a universidade faz é catalogar conhecimentos e formar profissionais que saem “vomitando” idéias dos outros. Em geral os professores nunca vão a fundo pra descobrirem a “sua verdade” e formarem os “seus conceitos”, porque isso é muito difícil já que a pessoa tem que se voltar para dentro dela mesma. O exercício de introspecção exige uma reflexão muito grande.

Abstract

Mario de Ballentti, ator, diretor de teatro, cenógrafo, bonequeiro e professor, nasceu em 19 de fevereiro de 1962, na cidade de Rio Grande - RS. É um dos maiores atores e bonequeiro do teatro gaúcho de sua geração. Atuou em diversas peças de teatro, entre elas. “O auto da compadecida”, “O parturião” e “Guerreiros da bagunça”. Também produziu, dirigiu e atua nos espetáculos de teatro de bonecos: “O

cavaleiro da mão de fogo”, “Histórias da Carrocinha” e “A caixa do elefante”. Tem participado com sua Cia. de Teatro de Bonecos “A caixa do elefante”, representando o Brasil em vários festivais no exterior em países como França, Itália, Espanha e Canadá. Atua como professor-oficineiro e diretor de teatro de bonecos numa ONG na Lomba do Pinheiro, bairro periférico de Porto Alegre. Mário, embora não tenha um trabalho sistemático junto a escolas como professor, é um artista atento a nossa realidade educacional. Mesmo estando “de longe”, analisa o ensino da arte nas escolas como uma atividade em que são desenvolvidos programas e conteúdos em geral pragmáticos e utilitaristas, que não contribuem em nada para mudar a situação socioemocional dos alunos. Para ele a atuação dos professores em geral é hipócrita, bem como muitas das ações desenvolvidas na sociedade. De Ballentti considera que a criança está indo cada vez com mais precocidade para o ambiente escolar. Defende a idéia de que os pais precisam estar mais próximos das crianças porque o contato e a troca afetiva entre pais e filhos são fundamentais para o futuro equilíbrio emocional destes quando adultos.